

Coletivos urbanos insurgentes: as disputas pelo espaço público na cidade de Curitiba

Insurgent urban collectives: disputes over the public space in Curitiba

Rafael José Pivetta

rafapiv@gmail.com

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba,
Paraná, Brasil

Simone Aparecida Polli

simonepolli@gmail.com

Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba,
Paraná, Brasil

RESUMO

Os espaços públicos têm papel fundamental na dinâmica da cidade como o local típico da vida política e pública. Assim como a cidade, esses locais estão sujeitos a diferentes conflitos a partir dos diversos interesses do Estado, forças produtivas e frações da sociedade. Os espaços públicos vêm sofrendo um processo de sucateamento, redução e homogeneização, a fim de valorizar os ambientes sob controle privado. Como resposta, uma série de ações populares, organizadas em coletivos, insurgem pela manutenção e ampliação dos espaços e da vida pública, questionando o modelo de produção da cidade. O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas e a forma de organização dos coletivos urbanos, a fim de traçar um panorama do ativismo urbano na luta pelos espaços públicos na cidade de Curitiba. Para tanto, serão analisados, com base em entrevistas e pesquisa bibliográfica, três estudos de caso: a Praça de Bolso do Ciclista (Centro), o Parque Gomm (Batel), e o Parque Bom Retiro (Bom Retiro). Como resultado da pesquisa percebe-se que esse ativismo de identidade fluida, apoiado nas redes sociais, encontra no espaço público, o lugar para materializar suas ações, expressar seus desejos, e concretizar projetos, firmando as inter-relações entre coletivos, movimentos ativistas e membros da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo urbano. Coletivos Urbanos. Conflitos Urbanos. Espaço Público.

ABSTRACT

Public spaces play a fundamental role in the dynamics of the city as the typical place of political and public life. Like the city, these places are subject to different conflicts from the diverse interests of the state, productive forces and fractions of society. The public spaces are undergoing a process of scrapping, reduction and homogenization, in order to value the environments under private control. In response, a series of popular actions, organized in collectives, insists on the maintenance and expansion of spaces and public life, questioning the production model of the city. This article aims to analyze the practices and the way of organizing urban collectives, in order to give an overview of urban activism in the struggle for public spaces in the city of Curitiba. To do so, three case studies will be analyzed based on interviews and bibliographical research: Praça de Bolso do Ciclista (Centro), Parque Gomm (Batel), and Parque Bom Retiro (Bom Retiro). As a result of the research, is perceived that this fluid identity activism, supported by social networks, finds in the public space the place to materialize its actions, express its desires, and concretize projects, establishing the interrelationships among collectives, activist movements and community members.

KEYWORDS: Urban activism. Urban Collectives. Urban Conflicts. Public Space.

Recebido: 31 ago. 2018

Aprovado: 04 out. 2019

Direito autoral:

Este trabalho está licenciado
sob os termos da Licença
Creative Commons-Atribuição
4.0 Internacional.





INTRODUÇÃO

Os espaços públicos na cidade vêm sofrendo um processo de encolhimento e homogeneização, sendo substituídos pelos espaços pseudo-públicos, sob controle privado, como galerias, shopping centers e espaços de lazer (SERPA, 2007). Esse espaço, como cerne do fazer político, adquire o status de instrumento de controle social, tanto pelo capital, como pelo Estado (SOBARZO, 2006).

Em contrapartida, mobilizações que lutam pela permanência, manutenção e criação de espaços públicos começam a surgir na cidade, a partir de 2010, mas especialmente após as manifestações de junho de 2013¹ (TRINDADE, 2016). Mobilizações como o Ocupe a Praia da Estação² (2010), em Belo Horizonte; Movimento Baixo Centro³ (2012), em São Paulo; e o Ocupe Estelita⁴ (2014), em Recife, são alguns dos exemplos dessas novas insurgências que questionam a maneira com que o poder público vêm encarando esses ambientes na urbe (LIMA, 2017).

Na cidade de Curitiba, movimentos de ativismo urbano se fortaleceram principalmente a partir de 2005, com as intervenções em espaços públicos realizadas pelo coletivo Interlux⁵, como as praças piratas e a jardinagem libertária. Em 2011, integrantes desse coletivo formaram a Associação de Ciclistas do Alto Iguazu, ou Ciclolguazu, e passaram a focar suas manifestações e questionamentos para a mobilidade urbana ativa. Em 2014, esse coletivo conquista a primeira praça de construção coletiva de Curitiba, a Praça de Bolso do Ciclista (entre as ruas São Francisco e rua Presidente Faria) e o projeto da Vaga Viva (TRINDADE, 2016).

A partir dessa conquista, outras mobilizações passam a surgir na cidade, como o Parque Gomm (2013), o Jardim Poeta Leonardo Henke (2014), a Praça Himeji (2016), o Parque Bom Retiro (2017), o Coletivo Mão na Terra (2017), a Horta comunitária do Cristo Rei (2017), a Horta do Jacú (2017), as Hortas Comunitárias do Tatuquara (2017) e a Praça do Itupava (2018). Todas elas organizadas a partir de grupos de moradores e coletivos, sobre os ideais de sustentabilidade, mobilidade, e garantia do espaço público, concentradas nas regiões centrais da cidade.

Se analisadas de maneira isolada, esses movimentos podem não se mostrar relevantes, mas como conjunto, suas ações delimitam um novo modelo de protestos urbanos (LIMA, 2017). Esses protestos, por sua vez, ajudam a entender

1 As manifestações ocorridas em junho de 2013, conhecidas como Jornadas de Junho de 2013, foram uma onda de protestos que levou milhares de pessoas as ruas em várias cidades do Brasil.

2 Série de eventos realizados contra o decreto do prefeito de Belo Horizonte proibindo a ocupação da Praça da Estação. Mais informações consultar: <http://www.vermelho.org.br/noticia/123890-8>

3 Série de eventos ocorridos em São Paulo, com o objetivo de revitalizar a região do Baixo centro, próximo ao minhocão. Mais informações consultar: <http://baixacultura.org/baixocentro-ou-as-ruas-sao-para-dancar/>

4 Protestos ocorridos em Recife pela preservação do Cais José Estelita vendido em um leilão para empreiteiras. Mais informações consultar: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/opinion/1448840154_656256.html

5 Coletivo artístico criado em 2002, que buscava, de forma orgânica, ocupar e praticar a cidade. Mais informações consultar <https://interlux.wordpress.com/>



a dinâmica e as necessidades de uma cidade, por vezes, apagada e endurecida pelos sistemas de planejamento urbano convencionais (COELHO, 2015).

Atualmente vivemos uma tendência de enclausuramento e fobia social. Aumentam-se os aparatos de vigilância, os medos da violência urbana além da naturalização da pobreza, uma inversão de valores que tende ao declínio do homem público (CALDEIRA, 2000) abandono e degradação do espaço público. Portanto, analisar a insurgência de movimentos que questionam e atuam diretamente no tecido urbano de Curitiba, é questionar o paradigma construído da 'cidade modelo'⁶, as noções do espaço público, da coletividade, da violência, e o papel da organização social na construção de uma cidade mais igualitária e participativa.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo traçar um panorama que caracterize os coletivos organizados que reivindicam por espaços públicos na cidade de Curitiba, suas relações sociais e interações com outros grupos, de modo a entender as dinâmicas desse novo ativismo insurgente. Para isso, foram escolhidos 3 casos a serem estudados, por sua relevância e visibilidade no contexto curitibano: a Praça de Bolso do Ciclista (Centro), por seu pioneirismo; o Parque Gomm (Batel), por ser o primeiro parque comunitário de Curitiba; e o Parque Bom Retiro (Bom Retiro), por sua atualidade que contribui para o entendimento da evolução da dinâmica desse movimento.

Como base para esse estudo realizaram-se entrevistas com representantes dos coletivos além da utilização de notícias e reportagens de veículos midiáticos, dados do MapCon (Mapeamento de Conflitos do Observatório de Conflitos Urbanos de Curitiba)⁷ e conteúdos das páginas oficiais do facebook de cada coletivo.

ANÁLISE COMPARATIVA⁸

A partir dos três espaços públicos analisados, a Praça de Bolso do Ciclista (PBC), O Parque Gomm, e o Parque Bom Retiro, defendidos pelos coletivos Cicloguaçu, Salvemos o Bosque da Casa Gomm (SBCG), e A Causa mais Bonita da Cidade (CMBC), respectivamente, é possível traçar um panorama de como surgem, se organizam e atuam os coletivos em prol do espaço público em Curitiba. Além disso, as relações entre as organizações, a população, o poder público e os grandes empreendimentos, a nível local, expressam a dinâmica, por vezes conflitual, da cidade, expressa por SOBARZO (2006).

Esses coletivos originam-se de duas formas distintas: enquanto o Cicloguaçu já é criado como figura jurídica, em busca de defender a ciclomobilidade, e

⁶ Título de fama internacional, construído sob a lógica do *city marketing*, atribuído à cidade de Curitiba, devido ao planejamento urbano das décadas de 70 e 90, sob gestão de Jaime Lerner, que não refletem a atual realidade (OLIVEIRA, 2000).

⁷ Base de dados do Observatório de Conflitos Urbanos de Curitiba, grupo de pesquisa que tem como objetivo registrar, sistematizar, classificar e prover informações sobre lutas urbanas, movimentos sociais e as diversas manifestações da conflitualidade da cidade. Mais informações consultar <http://conflitoscuritiba.blog.br/>

⁸ As informações descritas foram obtidas a partir de artigos, notícias, dados da página oficial do facebook, e entrevista realizada pelo autor com representantes dos coletivos Cicloguaçu, Fernando Rosembaum; Salvemos o Bosque da Casa Gomm, Débora Rocha Faria Jorge; A Causa Mais Bonita da Cidade, Luiz Carlos Rischbieter; e Sociedade Global, Andressa de Borba Mendes, em 2018.



envolve-se com o espaço público de maneira secundária; o SBCG e o CMBC surgem a partir do próprio espaço reclamado, que leva à uma página do facebook, marco de sua criação. Com isso, percebe-se também, a importância da rede social, o facebook, no desenvolver dos coletivos, não apenas em sua origem, mas também na divulgação, organização coletiva, proposição de eventos e no envolvimento comunitário.

Outra distinção entre os movimentos é a situação do espaço, onde a Praça de Bolso foi um terreno inutilizado e sem planos de uso, pertencente à prefeitura; e os Parques Gomm e Bom Retiro, eram sítios ameaçados pela ação de grandes empreendimentos, com a diferença de que parte do Gomm já havia sido ocupada por esses, e, por isso, o conflito ainda permanece latente.

Esse espaço reclamado, na visão de todos os coletivos, deveria ser construído de forma a contemplar a população de forma integral, perpassando, sob a discussão da cidade, sua produção e a participação política. A mesma visão universalizante pode ser observada também na formação do coletivo, de modo que, de acordo com seus representantes e como demonstrado nos estudos de LIMA (2017), existe uma grande variação de renda e idade dos seus participantes, que vêm dos mais diferentes locais da cidade. Além disso, a fim de abranger essa diversidade, os mesmos se mostram apartidários⁹. Mas, apesar desse discurso abrangente, os espaços conquistados nem sempre refletem o perfil dos moradores do entorno.

A fim de atrair a atenção para a causa, os três coletivos se manifestam com a ocupação e vivência do espaço, na realização eventos e sempre buscando evitar o embate com o poder público. O Cicloguaçu adentra e intervém na PBC apenas após o contato e autorização da Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), num processo institucionalizado. Enquanto o SBCG e a CMBC, usam de ações judiciais, e da ocupação e intervenção para atrair a atenção do poder público e, a partir daí, dialogar com o mesmo. Porém, no caso do Parque Bom Retiro, a CMBC, têm a ocupação e intervenção limitadas, visto que o terreno em questão é de propriedade privada.

Para a organização dos diversos eventos de ocupação, construção e celebração do espaço, os coletivos se estruturam a partir de um núcleo que coordena suas ações e estratégias. Os eventos abrangem desde shows culturais, piqueniques e feiras de trocas, ao recolhimento de assinaturas e à construção de jardins e mobiliários. Estes, atraem também o apoio de outros coletivos que enxergam no local a possibilidade de exercer suas pautas individuais, com destaque aos coletivos ambientais, já que todos os estudos de caso apresentam a realização ou proposição de hortas; e aos de ciclomobilidade que, como o movimento, enxergam o enfoque dado ao carro pelo planejamento da cidade como nocivo.

Dentro de suas manifestações e pautas, o SBCG e a CMBC encontram a resistência de um grande empreendimento comercial, com interesses privados e econômicos para as áreas. E, juntamente com o Cicloguaçu, apontam como opositor o afastamento do poder público dos desejos e necessidades da população.

⁹ Apartidarismo é não aderir, defender ou professar nenhum partido político.



Além disso, observa-se nos três estudos de caso, a presença do medo do espaço público, da presença do tráfico e da violência urbana, como algo a ser combatido. Apresenta-se ainda o espaço público como o lugar da convivência interclassista, como aponta RISCHBIETER¹⁰: “O mote é resistir e criar lugares que sejam para as pessoas se encontrarem, passear com o cachorro, para as crianças brincarem. Misturar, porque não posso existir só trancado com segurança.”

Assim, analisando e comparando as práticas e relações dos três estudos de caso, é possível traçar um panorama de duas linhas de ação: (i) um movimento institucionalizado, com pautas outras, que propõe a construção de um espaço público num local abandonado; (ii) um movimento que surge a partir de um espaço ameaçado, e, visando sua preservação, cria uma relação de disputa com grandes empreendimentos, e, por vezes, com o poder público. Essas diferenças de ação são representadas, respectivamente, pelo coletivo Cicloguaçu, e pelo Salvemos o Bosque da Casa Gomm e a Causa mais Bonita da Cidade.

Pode-se observar também, o desenvolvimento de novas configurações da luta pelo espaço público, com o aumento da participação de outros coletivos na causa, inclusive estimulando a criação de novos. Um exemplo claro, é a atuação do Coletivos em Movimento¹¹, e especialmente da Sociedade Global¹², com casos recentes como a Praça do Itupava.

CONCLUSÃO

Os coletivos urbanos na luta pelo espaço público, na cidade de Curitiba, são um movimento crescente e em constante transformação. Suas atuações revelam e questionam as dinâmicas entre o Estado, a população e os grandes empreendimentos, num embate travado entre as tentativas de dominação (uso econômico) e apropriação (uso social) do espaço urbano. Com isso, a partir de suas causas localizadas, projetam para o futuro uma nova forma de ver, entender e fazer a cidade, compreendendo que são os agentes sociais que disputam e constroem os usos para partes da mesma.

Desta forma, entende-se que a construção de uma cidade mais democrática, verde e para as pessoas, depende da luta e disputa pelos valores de uso e apropriação do espaço urbano, com a retomada dos espaços públicos como local de convivência interclassista.

Atualmente os espaços públicos continuam em disputas por uso. Na Praça de Bolso do Ciclista, a decadência atual de uso continua a ser questionada por eventos que buscam ocupar e revitalizar o espaço. No Parque Gomm, a fragilidade jurídica do decreto de sua criação, abre precedentes para a livre intervenção por parte da PMC, sem levar em consideração seu histórico de construção coletiva. E no Parque Bom Retiro, a ação judicial e os protestos continuam em andamento, e o diálogo com a PMC, começa a ser estabelecido.

10 Em entrevista ao autor.

11 Conjunto de coletivos com iniciativas de desenvolvimento sustentável e comunitário em Curitiba. Mais informações consultar: <https://www.facebook.com/coletivosmovimento/>

12 Coletivo institucionalizado que busca integrar atores sociais e suas ações. Mais informações consultar: <http://www.sociedadeglobal.org.br/>



REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 400 p.

COELHO, Luana Xavier Pinto (Ed.). Por que disputar o Plano Diretor? **O Mito do Planejamento Urbano Democrático**: reflexões a partir de Curitiba, Curitiba, n. 1, p.10-18, jan. 2015. Realização Terra de Direitos. Disponível em: <<https://terradedireitos.org.br/wp-content/uploads/2015/11/site-O-mito-do-planejamento-urbano-democr%C3%A1tico.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

JORGE, Débora Rocha Faria. Entrevista concedida a Rafael José Pivetta. Curitiba, 25 jun. 2018.

LIMA, Carlos Henrique Magalhães de. A NUVEM E A RUA: novos movimentos urbanos nas metrópoles brasileiras. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 2017, São Paulo. **Anais XVII ENANPUR**. São Paulo: Anpur, 2017. p. 1 - 17. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%209/ST%209.2/ST%209.2-01.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

LIMA, Carlos Henrique Magalhães de. Cidade consensual, cidade insurgente: notas sobre o ativismo urbano no centro de São Paulo. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais XVII ENANPUR**. São Paulo: Anpur, 2017. p. 1 - 20. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-02.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MENDES, Andressa de Borba. Entrevista concedida a Rafael José Pivetta. Curitiba, 24 mai. 2018.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000.

RISCHBIETER, Luiz Carlos. Entrevista concedida a Rafael José Pivetta. Curitiba, 15 jun. 2018.

ROSENBAUM, Fernando. Entrevista concedida a Rafael José Pivetta. Curitiba, 11 ago. 2018.

SERPA, Angelo Szaniecki Perret. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. 208 p.



SOBARZO, Oscar. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: DA DOMINAÇÃO À APROPRIAÇÃO. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, [s.l.], n. 19, p.93-111, 30 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73992>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

TRINDADE, Analice Ohashi da. **“VALE A PENA ACREDITAR NA CIDADE”**: O MOVIMENTO ATIVISTA EM CURITIBA E SUAS PRÁTICAS. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44985>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, amigos e minha orientadora Professora Simone Polli que auxiliou na elaboração e a Fundação Araucária por viabilizar esta pesquisa.

Agradeço também as informações prestadas pelos coletivos e seus representantes: Ciclolguaçu, Salvemos o Bosque da Casa Gomm, a Causa mais Bonita da Cidade e a Sociedade Global.